

Illustração Portuguesa

DIRECTOR: Carlos Malheiro Dias — Propriedade de J. J. da Silva Graça — DIRECTOR ARTISTICO: Francisco Teixeira

Assignatura para Portugal, colónias e Hespanha

Anno 4\$800
Semestre 2\$400
Trimestre 1\$200

Assignatura conjunta do século, Supplemento Humorístico do século e da Illustração Portuguesa
PORTUGAL, COLÓNIAS E HESPAÑHA

Anno 8\$000 | Trimestre 2\$000
Semestre 4\$000 | Mez (em Lisboa) 700

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS DE COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Rua Formosa, 43



Summario

Capa: MULHER DE ESPINHO, (cliche de Bobone) • **Texto:** NO GRANDE HOTEL... DO PARAISO, BUS-SACO, 18 illust. • A FONTE DO SATYRO, 1 illust. • VIDA ARTISTICA, 9 illust. • O DUQUE DOS ABRUZZOS EM VILLA VICOSA, 3 illust. • COMO NÓS VENCEMOS NO CUAMATO, 23 illust. • O BUQUE DOS ABRUZZOS EM LISBOA, 8 illust. • AS TASCAS DE COIMBRA, 16 illust. • • • • •

NÃO COMPREM

NENHUMA SEDA

sem pedir antes as amostras, das nossas altíssimas novidades garantidas e sólidas e Especialidades: **estofos de sedas para trajes de casamento, de baile, de solário e de passeio**, bem como para **buzas, forros, etc.**, em preto, branco e cor, de 1 fr. 20 a 15 fr. 50 o metro e Vendemos **directamente aos particulares** e enviamos nos dométilos **francos de porto**, os seguintes **recolvidos** *****

SCHWEIZER & C.ª

LUCERNE Z. 20 SUÍÇA

* Exportação de sedas *



Seios

Desenvolvidos, reconstruídos, aformosados, fortificados com **as Pilulas Orientaes**

em dois mezes assegura o desenvolvimento e a firmeza do peito sem causar dano algum á saúde. Aprovado pelas notabilidades medicas. **J. Ratié, Ph. 5, Passage Verdau, PARIS.** Frasco com instruções, **15000 rs.** Franco para vale do correio, enviado a **J. P. Bastos & C.ª, 38, R. Augusta, LISBOA**

Companhia

***** DO *****

Papel do Prado

Sociedade anonima de responsabilidade limitada Proprietaria das fabricas do Prado, Marianala e Sobretinho (Thomar), Foz do e Casal d'Hermin (Louã), Valle Maior (Alborã) e garia-a-Velha. *

** Escritorios e depositos **

LISBOA—270, Rua da Princesa, 276

PORTO—49, R. de Passos Manuel, 51

Ende. telegr.: Lisboa, Companhia Prado—Porto—Lisboa, N.º telephon. 608



INSTITUTO de beleza

UNICA casa do mundo para o tratamento do rosto, hygiene, beleza e conservação da juventude. Productos scientificos invisiveis aprovados pelo Laboratorio Municipal de Paris. Apparelhos e productos contra a obesidade e contra a excessiva magreza.

Aguas e cremes para branquear a pelle das mãos, luvax e aparelhos para o seu aformoseamento. Quem quizer conservar e embellecer a cor empregue todas as manhas os maravilhosos productos: **Loção Creme e Pó Myria**, instruções para o seu emprego. **Tintura vegetal garantida e inoffensiva**, **Loção capilar** para evitar a queda dos cabelos e para impedir o embranquecimento, dando-lhe a sua cor natural. **Depilatorio perfumado** com extracção d'ervos do Oriente (rosa) para evitar as pellos e fazendo-as desaparecer completamente. O Instituto de beleza deseja ter agentes nas principaes cidades da Europa, preferindo casas perfumistas ou cabeleireiros para effectuarem a venda dos seus productos. Depositos em todas as principaes cidades da França, da Europa, Estados Unidos da America e no Cairo.

O Instituto de Beleza, lecciona e dá curso de tratamento e embellezamento da pelle. Programma e condições. Envia-se catalogo geral a quem o requisitar. **26, Place Vendôme, 26 — PARIS**

BAUME BENGUÉ

Cura Totalmente

RHEUMATISMO
GOTA
NEURALGIAS

D.º BENGUÉ, 47, rue Bischo, Paris, e em todas as Pharmacias.



NOUVEAU PARFUM
PRINCIA VIOLET
25, B.º des Italiens, PARIS



PREMIADA em varias EXPOSICIONES e FORNECEDORES da CASA REAL

Violet
SABAO REAL
ou
THRIDAGE
Paris
Lisboa, para pedidos a Hygiene e Pelle e Alivara do Rosto.

Gaston Lot

PROTHESE DENTARIA

EXTRACÇÃO de dentes sem

dor desde 500 rs.

Colocação de dentes desde

15000 réis.

Consultorio ortognico-dentario, R. das Chagas, 42, 1.º

(Ao Calhariz)

TELEPHONE 1882

Farinha lactea Nestlé

PREÇO 400 RÉIS

36 medalhas de OURO incluindo a conferida na EXPOSIÇÃO AGRICOLA DE LISBOA

NO GRANDE HOTEL... DO PARAISO

BUSSACO

— Em assumptos de arte, eu, meu caro von-Holten, não sou um analysador tecnico, porque não sou, por meu mal, engenhoso *opifex*, mas longe estou de ser, por meu bem, o indifferente que pouca os olhos n'uma decoração, como uma mosca lhe pouca as patas e as pintas. Vejo e goso. E a projecção d'um relevo pôde enlevar-me, como decerto me irritará o mal amanhado arranjo d'uma composição. Sim, von-Holten, eu lhe explico: as decorações muraes d'este refeitório, do refeitório d'este Grande Hotel, são illustrações de versos de Camões—o mesmissimo, von-Holten, ha porém duvidas se era esse o olho que lhe faltava a elle—e são illustrações de versos dos Luziadas em ligeira *blanquette* de vitella! O que? von-Holten, o que? No tecto, por cima da pintura... está escripto: «Grande se escondia». Ah! sim, é uma epigraphe incompleta, é como se ao Camões eu só chamasse: *Mões*. Supponho que se continúa da que a outra pare-

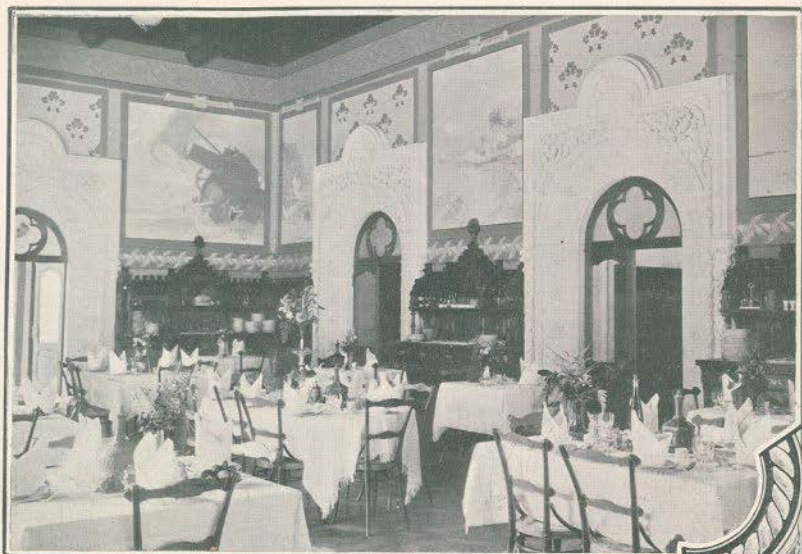


Na Fonte Fria



de tem. Volte-se, von-Holten, lá está o começo: «Porque a lampada». E' como se ao Camões eu só chamasse *Cá*. Dias a fio, amigo, eu levei na decifração do *puré* da charadinha. Mas, por fim, não houve remedio, adivinhei. Os dois passarinhos? Não, amigo, trata-se d'um indeciso sumir de astros illuminantes! Oh! von-Holten, qual cafeteira? Não é cafeteira, meu amigo... é um navio! Mas desvie o seu olhar pisco das pittorescas—não tussa, von-Holten—e entaliscadas nymphas estorvando-se, e olhe melhor esta preciosamente burilada floreira e repare como ella emmoldura, no seu fino artesoadado, toda a ramaria da matta que parece ter ficado immovel ao fim d'um forte espreguiçar. Quietação de pintura no rescaldo de tanta e quentissima luz, a luz de todo o dia, moribunda agora, tão meiga de côr ao despedir-se das plumas dos cedros, e scintillando ainda, mas com bran-

Por entre a ramaria



Casa de jantar do Grande Hotel

dura de lagrimas, ao cair nos discos claros das faixas. E' o hymno verde—von-Holten—o famoso hymno verde, que todo o dia estrondeou vibrante e chammejante n'essa orchestra brutalissima de arvoredos e agora está no seu sensualissimo *morendo*.

Von-Holten era, e foi sempre, na camaradagem ephemera do Hotel e n'aquella paradisiaca matta do Bussaco, um conhecimento liso como a sua calva de marfim e risonho como uma creança risonha. Polyglota e allemão, a sua passividade na palestra toda apontava a bem ouvir, a bem afiar a pronuncia aspera no rebolo da imitação, e a bem esquadrinhar a vida barbara do animal com fala portugueza. Ouvia e callava. E só falava quando repetia uma ou outra palavra, ou ardidosamente indagava dos *azás inlerezantes* habitos indigenas:

... «Se, por exemplo, era ainda costume castigar as creanças portuguezas fazendo-lhes comer, só com um palito, um prato de arroz doce!

... «E porque, sempre que á meza de leitura a sua *zenhora* pedia licença, com mundialissima mimica,

para desprender alguma illustração proxima d'outra leitora, invariavelmente essa leitora querendo dizer que sim lhe respondia cavamente: *«pois não»*. Elle, von-Holten, antes de suspeitar o intento da locução, duas vezes arrancára á esposa o jornal levantado e o fôra repôr immediata e precipitadamente no seu primitivo lugar. E assim, por virtude d'uma incongruencia linguistica, fôra duplamente incivil: com a sua *zenhora*—e com a *zoutra zenhoras!*...

... «E de mim, seu lucido amigo, espe-



Na Cruz Alta



Fonte do

rava a sapiente opinião sobre o seguinte caso: depois da tosse de gallo matinal e da consequente disputa com a esposa, o Borges confeiteiro, seu visinho de corredor, saía do quarto com arrasto de moveis e ruído de louças, e ao empuxar despedaçante da porta, berrava sempre: *arrr*. Ao que a *zua senhora*, de dentro, lhe retorquia... do *avesso*!... e sem nunca se enganar: *irra!* Ora elle, von-Holten, esperava do meu decisivo conceito a explicação do invertido exclaimar! Já na *Matta*, elle e a esposa tinham, como gritos de aviso e cita, se um do outro acaso se desviavam, os dois berros, que certamente iam levar ás margens do Elba, onde seriam consagrados e repetidos! Já pois a doce e immaterial senhora Holten lhe gritava *irra* e logo elle lhe respondia, erriçando d'asperidão o brado: *arri*. E assim, estes curtos verbos que serviam na separação dos Borges eram preciosos na aproximação dos Holten...

E era isto na sua ancía de saber falar, o meu querido, saudoso e infantil von Holten!

Ora n'aquella tarde, a tão doce e immaterial senhora von-Holten ficára no quarto, entre almofadas, sem energia e sem dôres. A mysteriosa consumpção que a trou-

Carregal

xera do norte para o Sol e para aquella linda montanha que o sol aquecia tinha-a, desde o almoço, n'uma tepida atonia. E por isso nós jantavamos em frente um do outro, *sós*, á nossa meza habitual, junto á ampla janella da floreira.

E já o jantar terminava sob a luz arroxeadada e crepitante dos arcos voltaicos, e de vez a nossa attenção resvalou do crepusculo cinzento de fóra para o interior do refeitório.

Eu prosegui:

—E' uma vida de paquete a nossa, von-Holten, uma fatal vida de paquete, quando a



Portas da Cruz Alta



Escada monumental.—Pintura

decorativa de A. Remolho

noite chega, a paisagem fóra se apaga e a charanga da Booth Line enverga o *smoking*. Veja bem como aquella florida meza com os seus quatorze inglezes é interessante e symbolica. E' um torrão inglez que ali janta, torrão com 28 pés bem firmados e um balsão vermelho bem hasteado. E dos sete pares da patriótica quadrilha, só um parece não emparelhar e—meu ingenuo von-Holten—é o unico que realmente emparelha. Tal qual—von-Holten—tal qual... essa cara de innocencia, rosa e leite, n'um solido e vibrante corpo de Diana! São terriveis—von-Holten—deliciosamente terriveis aquelles quinze annos! No mesmo dia em

que o meu penetrante amigo viu, entre ruinas e hera, na rua do Horto, o esguio e borbulhento inglez beijar, em pleno *firt*, (e em plena bocca) essa supposta noiva pubere, eu (que nada lhe quiz dizer hoje ao almoço, diante de sua esposa, apesar de sua bendita esposa não saber portuguez) eu, á noite, ao recolher, porque passei pela especie de esplanada commum aos nossos quartos, vi, sob a lampada esquecida accessa e atravez da cassa da janella, o busto semi-nu—de marmore... de precioso marmore, von-Holten!—d'essa supposta noiva pubere, adormecido n'um roliço abandono sobre o largo peito do inglez robusto, vermelho e rapado—esse mesmo, von-Holten, o mais robusto, o mais vermelho, o mais rapado—que todo o dia se isola na espesura da matta e á noite se afunda na cadeira de tabúa da galeria, aconchegando entre as suas vastas mãos a mão d'aquella innocentissima volupia de saias curtas. Não importa—amigo—é bem um torrão inglez que ali está no mysterio dos seus *firts* consentidos e na tñacidade dos seus habitos consagrados. Calculo que a mãe d'uma *firtante* já soube o que no *firt* ha de magnifico gozo e de subtil erotismo, mas o caso é que a mãe d'essa mãe era ingleza e tambem,



Galeria (vista exterior)



tendo *sirtado*, o consentiu á filha, que por sua vez o consente á neta da sua mãe. São coisas consagradas e logicamente consagradas. E porque não — von-Holten — porque não, sendo todo o nosso viver uma canastra de convenções, não lhe entornar dentro lascívia em solução, não dando a entender que a solução tem lascívia, e sendo evidéttissimo que pela canastra depressa coará a solução... sem vestígios já se vê, quando haja o prudentíssimo cuidado de lhe evitar ou lavar os prolificantes resíduos!...

«Emfim von-Holten, na meza ao pé, depois da familia do Borges confeitreiro, repare, A Pavôa!

«Foi precisamente asua finíssima esposa — von-Holten — quem tão encantadoramente lhe chamou: «*Sie ist eine Pfauhenne!*» E assim com incomparavel graça a alcanhou pela forma curiosa como ella pisa a Terra. Toda ella se engalana e veste para sahir em cadencia grave de avestruz emplumado (quanto a mim é mais avestruz do que pavôa) e com a evidente intenção publica de documentar a epoca ficando bem no primeiro instantaneo que o primeiro *touriste* lhe fizer *au hasard de la rencontre*. Pois bello... as filhas, cerca, são filhas da Pavôa e a mais zangada, irritada e assanhada,



olbeirenta e gordinha é noivz —noiva pedida e dada, sim von-Holten, pedida e dada— ao mancebo d'olhos languidos que se lhe debruça ao pé e colla a coxa d'elle á coxa d'ella. No seu pleno direito...

é pedida e dada!... E como chegasse a idade de a passarem a esse esposo que a pediu, aqui a trouxeram e mais ao eleito da sua imaginação, ambos n'uma compota de amor muito enjoativa, com que nada teriamos, eu e o meu farto von-Holten, se de quando em vez a marmellada fervente não transbordasse da caçarola e um espirrito assucarado não nos saltasse á face envergonhada. Disfarçamos, sorrimos, piscamos os olhos um ao outro, não lambemos o assucar respigado porque a lingua não chega lá e mal

pareceria, mas ficamos a pensar como é que se chama a uma pouca vergonha assim o pudor dos noivos... pedidos e dados!

«Adeante — von-Holten — adeante!... E



Galeria vista interior) — Lago da Fonte Fria



Casa dos Arcos

precizamente adeante, na outra mesa, o que vê? Ao fundo da sala, em frente á parede envidraçada, inexplicavelmente de costas para todos, e olhando portanto as trevas da galeria deserta, um busto franzino de mulher. Ao lado uma grenha cupulando uma face pallida de retorcidissimo bigode. Não estão em frente um do outro. Estão provisoriamente d'ilharga. O evidente é que o busto franzino não quer mostrar a frente, com receio que ao exhibir tudo estarreça! Suppõe-se eixo da Vida e alvo da Attenção. E é eixo, e é alvo. Mas só elles o saberiam—von Holten—se não fôra tão excentrica e insolente modestia, que me fez com elles dar. São noivos! Estão á paizana, mas são noivos. Mas são noivos dados e recebidos. Casaram na cidade, talvez hoje mesmo, e aqui veem... á despampanisação. Dentro em cinco annos—von-Holten



Portas da Lapa

—que Deus nos traga a este Paraiso e verá, reposta esta celestialissima côrte, para onde se volta aquelle anjinho!

«Mas — von-Holten—já se ergue ao lado no salão das festas um levissimo gorjeio. Acabe o seu café, vamos ouvir. Vamos ouvir o carpir commovente da Laurinha Ribas:

*«Par toi, par tes baisers,
Mes sens sont apaisés...*

«Ainda não vi quem mais coração e desca-ro puzesse na impudente *Amoureuse* de Ber-gêr!

«Bem sei—von-Holten—bem sei! O que seria sem esse tepido e hypocrita perfume de sentimento o cio da Laurinha Borges? Decerto um perigo social, uma neurasthenia ou uma tuberculose. E assim, exhalado n'este vasto salão de dispepsias, que mede como um tanque de parque real 21 metros de comprimento por 10 de largo,



Vestíbulo

esse perigo social dilue-se e quebra as ondas da sensualíssima vibração, diferentemente, conforme os craneos com que topa no caminho.

«Por exemplo: á tronchuda criada sevillhana que o Vasques delegado fez princeza de pelúcias berrantes e cachuchos brilhantes, aquelle canto, nos agudos, arranca *mirostés*, que ella expelle como eructações á mascara envernizada e purpura da mamã Borges confeiteiro toda calma e digestão; provoca, depois, nervosas palitadellas á imponentíssima Pavôa; e reavalando sem choque perceptível pela imbecilidade de dois jogadores de damas e pela immobilidade de quatro leitores de magazines, vae atirar, n'um abraço violento, as saias curtas da torturante missesinha, d'encontro ao tamanhão da *Booth Line*, e a ambos faz rodopiar em cadencia compassada e ondeante, sobre o encrado do *parquet*, n'uma valsa lenta e quasi casta —oh! von Holten—decerto casta para elles, que não vêm entre as volutas das suas curtas cambraias os gemcos esculpturais da linda moça! Oh! von-Holten, desvie, por amor do meu ciu-me, d'esta vez, a vista para a decoração, e veja na pintura, sobre essa linda varanda de rosações, o decorrer d'uma serena ballada Renascença. Composição

de sonho, reconstituição de conto medieval d'onde uma encantadora melodia se evola, ressendo á fresca e capitosa floresta do fundo, como se ali, vagamente, indefinidamente, se continuasse idealisada a paizagem vivida da matta. Aprecie—von-Holten—a filigrana d'aquelle arco de pedra, o fino burilado d'este fogão, sacratissimo trabalho de emeritos e ingenuos lavrantes. E já aqui a arte tentou as suas azas de oiro. Aqui—meu apreciavel von-Holten—e na galeria que nos rodeia para

lá d'estas acanhadas janellinhas; e no vestibulo todo em arzeozados Renascença, com as ogivas dos portaes ricos de cogulhos e florões, azulejos espelhantes e nichos discretos; e na escada nobre onde a pericia páciente d'um artista sobrepujou a mancha dura do *lambris* d'azulejos com uma levissima pintura mural, luminosa e zodiacal, e de tão raro e subtil toque que mesmo em pleno dia, violentamente lavada de luz, vae confundir os seus fingidos encordoamentos e laçarias com os lavrados da pedra, n'uma continuidade harmonica inexcédível. Já decerto reparou—perspicaz von-Holten—que tanta luz verdadeira entra pela larga parede de vidraça que uma moldura enramada hala, quando o sol a fere, como na pintura pa-



Na mata

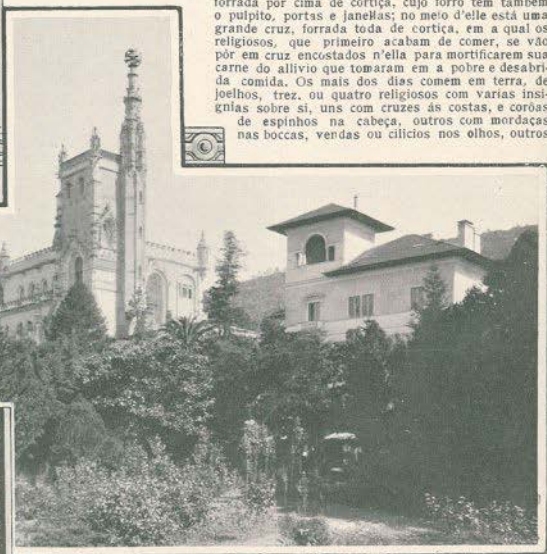
rece claramente romper por entre o recorte dos mainéis simulados!..

«Pois— von Holten—sem entrar em preciosos detalhes de escultura e talha de pedra, são estas as quatro maravilhas d'este Grande Hotel, que no proprio coração do Paraiso fez sumir o tenebroso e agreste refeitório dos frades secententistas.

«Profundissimo von-Holten: aos hu-

min, se substituíram á frígida e horripilante regra do antigo refeitório, de que a chronica aponta, como lhe vou recitar, os rigores de cortiça e albarda:

«Porque sendo esta casa feita para alívio do corpo, na verdade é para estes padres domicilio de mortificação; esta é toda forrada por cima de cortiça, cujo forro tem tambem o pulpito, portas e janelas; no meio d'elle está uma grande cruz, forrada toda de cortiça, em a qual os religiosos, que primeiro acabam de comer, se vão pôr em cruz encostados n'ella para mortificarem sua carne do alívio que tomaram em a pobre e desabrida comida. Os mais dos dias comem em terra, de joelhos, trez, ou quatro religiosos com varias insignias sobre si, uns com cruzes ás costas, e corções de espinhos na cabeça, outros com mordças nas boccas, vendas ou cilícios nos olhos, outros



Vieiro

mildes cento e oitenta mil réis da computação rustica d'este Paraiso, quando foi alheado dos bens do mitrado, contraponha os cento e trinta contos de réis do custo orçamentado d'esta hospedaria!

«Attente como á cortiça e simplicidade dos carmelitas com os seus pueris embrechados, os seus zagãos de cascalho e seixos, succede esta magnificencia monumental, da mesma forma que aos percaes surrados da serva hespanhola fez o Vasques delegado succeder opulentos velludinhos de princeza só porque o Vasques sopitou no convívio da marrana e n'elle fundeou o paraiso infernal do seu viver.

«E medite meu amigo, como esta fofa e opulenta commodidade actual, com a *Booth Line*, a Pavão, a Laurinha Borges, os suspiros do Berger e os mólhos do Berga-



Floreira

(caso raro para confusão dos soberbos!) tendo sobre suas costas uma albarda á maneira de brutos, reconhecendo-se que o foram pelas culpas e pecados que no seculo contra Deus cometeram!.....

«Oh! von-Holten—vão cerca de tres seculos da albarda do penitente ao rico gibão da michela andaluz! A eterna redempção do homem... pelo homem! Se bem que não será de muito ouso avançar ser o gibão da hespanhola feito da albarda do Vasques!

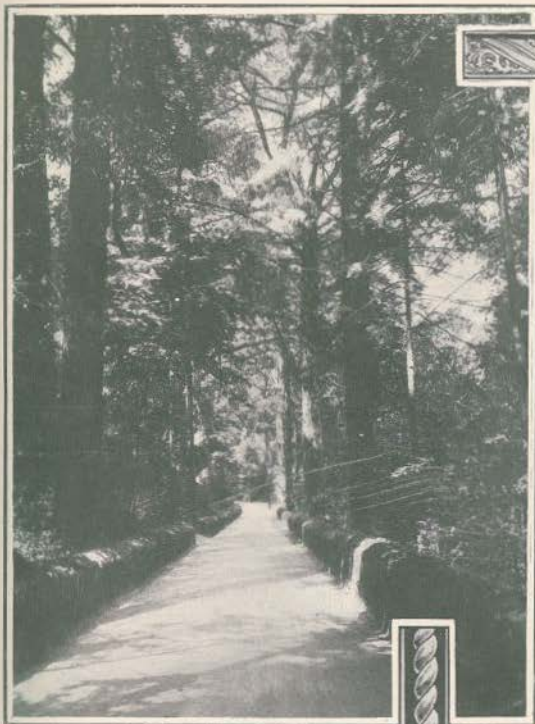
«Mas já a valsa morre na volupia do

«*Mon ami... i...*

«*Mon aimé... é...*

«*Mon amant... an...*

com que a Laurinha Borges tão bem sabe arregalar os olhos maganos e já—veja, von-Holten—a pequenina *miss* caminha á galeria, desprendida do mastro que a fez dançar,



Rua do Mosteiro

e que ella, n'esta calma noite de junho, extenuou e abandonou extenuado sobre um sophá... a enxugar. Von-Holten siga-me, siga-me, von-Holten, esta *miss* é o anjo mau d'este Paraizo. Repare como ella anda, repare como ella vae. Nem sequer estacou na galeria a aconchegar a pequenina mão nas mãos do robusto companheiro decerto afogado na tabúa e á espera d'ella. Oh! von-Holten, eu rebento, meu espavorido amigo! — Prompto, perdemola... Dê-me o seu braço. Que te jebrosa escuridão, von-Holten, é a rua da Rainha! Que lindo coriscar de pyrillamos. Qual automovel, von-Holten? E' a braza d'um cigarro, alguém que vem fumando! Espere, afaste-se, cale se. Não os vê, von-Holten, não os vê? Era decerto *Ella*, reparou... mas não era a robustez do seu patricio forte que a enlaçava agora!

«Voltemos — meu pobre amigo — voltemos, e da periphéria d'esta rasa chapada veja a monstruosa e esguia mole gothica do nosso hotel. São fragmentos lindos — von-Holten — des-harmonicamente ligados. Ameias, guaritas, um butareu de cathedral cahido; o perfil elegante de dois baldaquinos de portal; as gárgulas apontando sobre a explanada, como feras a vincar o salto no rebordo do telhado; e a torre no seu perpetuo trabalho de erguer, a quarenta e quatro metros, o esphérico carimbo manuelino. E tudo isto assente no renque luminoso da galeria com os seus arcos de rendas, que esbeltos pilaretes susteem e accidentam, como franjas cochadas de bordado rico.

«Não importa — von-Holten — affeição-se a gente a este mau acogular de encantos, como acaba por achar estheticamente viavel, á força de com elle conviver, um querido parente des-agcitado e bom.

«Von-Holten — recolhamos. E eu vou tristemente recolher! Suba. Leia no vidro da porta d'entrada o improvisado aviso, em soberba lettra ingleza, para a pratica religiosa d'amanhã. Oh! esta *Booth Line!*

«One evening service will be held in the Hotel Drawing Room this Evening at 6 o'clk.»

«E' o domingo inglez — meu religioso amigo! — E' amanhã, eu sei, n'um brando e magestoso canto, n'este mesmo salão onde *Ella* extenuou o borbulento inglez, e na immutavel alegria da parede em festa, *Ella* meditará, religiosamente meditará, a ouvir precisamente esse inglez borbulento que é pastor — von Holten elle é pastor! — salnear conselhos biblicos!

«Isto no Paraizo e n'um dia resplandecente de junho!

«Von Holten, meu infinito amigo, *Ella*ahi vem. E é já o terceiro inglez que a traz das trevas!

ARNALDO FONSECA.



Typos do Bussaco

(CLICHÉS DO AUCTOR)

A FONTE DO SATYRO



AO POETA ALBERTO DE OLIVEIRA
Ministro de Portugal em Berne

Resado o officio, velho mas ligeiro
Frei Luiz de Sousa deixa a igreja fria
E á horta desce, aonde, nunca farto
De remirar gracioso pessegueiro
Que é um ramalhete, ao sol se delicia
Entre as giestas em flôr, como um lagarto.

E' de crystal o ar. Rôlas nivasas
Fulgem no azul vivissimo dos céos;
As abelhas sussurram na bounilha;
Por toda a parte se entreabrem rosas
E alvos goivos..... Bemdito seja Deus,
Que o mundo encheu de tanta maravilha!

Bemdito seja Deus que fez o luar,
A urze, o trigo e tantas coisas bellas,
Repouso e encanto de chorosas vistas;
Que deu coraes e perolas ao mar,
E ergueu, avisinhando-os das estrellas,
Ceruleos montes de prateadas cristas!

Prosegue Frei Luiz..... E eil-o rendido
De escura laranjeira p'la belleza,
Ante a' qual fogem lestos os minutos;
Candelabro de bronze aii erguido
Em honra do Senhor p'la Natureza,
Todo elle a arder p'las chammas dos seus frutos!

Pasma! Porém, attraem-no os queixumes
D'um tanque onde a agua cae..... O passo estuga,
Em migalhinhas dividindo um pão;
E logo, ao vê-o, os peixes em cardumes
Chegam do lago á flôr, que a brisa enruga,
Para a certa, infallivel refeição.

Felicissimo frade, que assim vives
Lidando só com flôr's, peixes e aves,
E que, liberto das terreaes algemas,
As manhãs passas, magistral ourives,
Dando ás palavras limpidas, suaves,
O brilho e a côr das preciosas gemmas!

Do infortunio cruel soffreste os tratos,
Porém agora, entre a oração e a escripta,
A tua vida corre lisa e pura;
Aprendam n'ella os peitos insensatos
Que a asperrima congosta da Desdita
E' o caminho melhor para a Ventura!

Tua vida é resar! Resas no côro,
E' uma oração continua o teu trabalho,
E uma oração pegada o teu passeio;
Vês Deus em tudo, na palavra d'ouro
Que da penna te cae, vê-o no galho
Onde a ave canta em matinal gorgeio!

Tudo o que vês em roda, e quanto escutas,
Herva, flauta a chorar, campina ou serra,
E' uma escada p'ra ti, que ao céu conduz;
Ah! que vida suavissima disfructas,
Tu que, pisando ainda a escura terra,
Tens a alma já no céu, cheia de luz!

E Frei Luiz dá a merenda aos peixes,
Que litigam nas aguas de saphira
Como coriscos leves, musicaes;
Vendo-o partir, diz um:—«Oh! não nos deixes!»
Palavras taes, que ninguem mais ouvira,
Ouve-as elle, que entende os animaes!

E então responde:—«Tende paciência,
«O que me resta é para os passarinhos,
«De quem, como de vós, sou pobre irmão».
E logo, em azougada turbulencia,
As aves todas descem dos seus ninhos
E vem comer na sua velha mão.

Porém, outros amigos tem o frade
Com quem partir sua bondade extrema,
E o sol já toca as raiaes do horizonte;
Então as aves deixa com saudade,
E entre sebes de buxo e d'allfazema,
Vae-se direito a uma copiosa fonte.



Sob um arco de solemne contextura,
Que a hera em festões verdes engalana,
Uma gruta se vê toda ensombrada;
E lá d'um grande Satyro a figura
Formosa taça expõe d'onde espadana
Continuo, torno d'agua desneuada.

Olhos piscos, de olhar malicioso,
Chato o nariz, orelhas ponteagudas,
Lascivo o beiço, qual se vira ao longe
D'uma naiade o vul'o luminoso,
De cabra os pés e as pernas guedelhudas:
Eis o amigo pagão do nosso monge.

E diz-lhe Frei Luiz:—«Não sei o que acão
«De novo em ti, que essas feições altera!»
E o Satyro responde:—«Tudo foge:
«Já terminou o inverno, e estou borracho
«D'este ar e d'esta luz de primavera,
«Que a primavera principia hoje!

«Trouxe-me a brisa o cheiro das violetas,
«E n'elle os dias revivi distantes
«Em que, por bosques de proteadas lymphas,
«Ao murmúrio das ondas indiscretas,
«La espereitar com olhos vigilantes
«No banho azul as timoratas nymphas!»

—«Cala essa bocca immunda!» o frade exclama:
«Olha que estás em casa do Senhor!
«Do Passado não escutas a sirena,
«Que dos lagos do inferno por ti chama!
«Aos pés de Deus ajoelha com temor,
«Que o teu viver imite o da açucena!

«Faze o que eu fiz, que a tudo o que era mundo,
«Erro, prazer e orgulho dei de mão;
«Que tomes por amante a caridade,
«A qual, a arder em seu amor profundo,
«Meu passado cobriu de escuridão,
«Pra que eu só veja a luz da Eternidade!

—«Pois qué, tudo esqueceste?» assim pergunta
O Satyro que um ser vivo parece,
Agitado por vivas commoções:
«Não amaste?»—«A que amei d'uma defunta,
Volve o frade: «se ás vezes me apparece,
«Logo a entérro nas minhas orações!»

—«Defunta lhe chamaste, e está bem viva,
O Satyro accrescenta: «sem fria cella,
«Pensando em ti... n'esta hora azul, talvez;
«E acalentando, pallida captiva,
«Doces lembranças d'uma vida bella
«Como os ais da sua falsa vivez!

«Quando a insomnia essas palpebras roqueima,
«Na escuridão do catre duro e frio,
«E o ventaval desgrenha os arvoredos,
«Insinuando-se então com ferrea teima,
«Não vés em delumbrado desvario,
«Da tua mocidade os dias ledos!

«Dize, não vés então essa que tinha
«De Magdalena o nome ludo e brando,
«E mais brandos que o nome os olhos oude
«O teu amor ingenho se entreteinha
«Altos castellos d'oiro levantando?»
Mas Frei Luiz a isto não responde...

Passam philtros no ar embriagadores;
Lourelros, falas, em murmúrio lento,
Tremem d'amor, das copas ás raizes;
Palpitam ninhos, desabrocham flores,
E na morena torre do convento
Arrulham pombas, a noivar, felizes.....

Taes effluvios perturbam Frei Luiz,
Que, para dissipar visões impuras,
Puro lirio assignala:—«Que primor!
«No Sermão da Montanha, lá se diz
«Que nem de Salomão as vestiduras
«Vencem a pompa d'esta branca flor!»

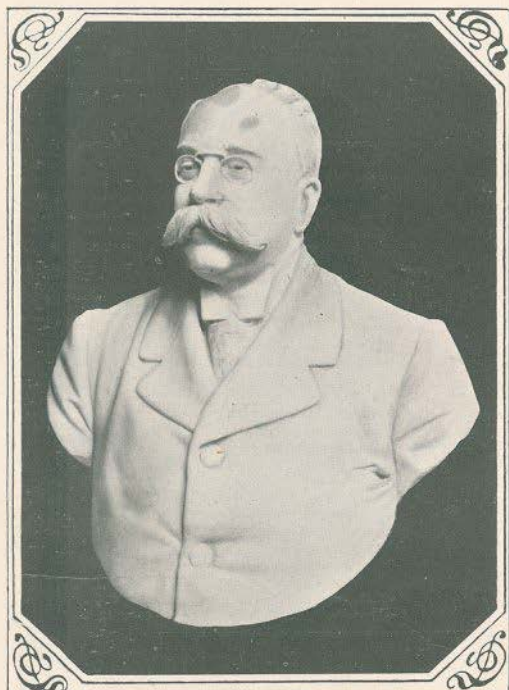
Mas sobre o esbelto lirio immaculado,
De subito, eis que poisa um negro insecto,
Batendo as azas em febris anceios;
E logo o pobre monge desvaírado
Na memoria revê o signal preto
Que Magdalena tinha n'um dos seios!

Foge Frei Luiz então, Soam Trindades.....
O Satyro nas rosas vê o artelho
E o calcanhar das nymphas que o consomem.....
Desmoronam-se imperios e cidades:
Só o ligeiro Amor não se faz velho,
Do herço á tumba dominando o homem!

EUGENIO DE CASTRO.

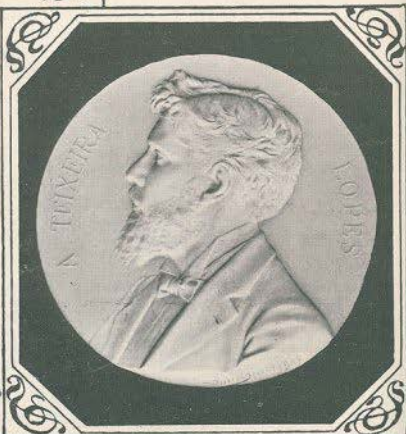


VIDA ARTÍSTICA



O busto do fallecido negociante e capitalista sr. Polycarpo Anjos, que uma das nossas photographias representa, constitue uma homenagem dos empregados da sua casa commercial e portanto de caracter particular. Deve-se a sua execução, porém, a Teixeira Lopes, que n'esta sua nova obra, apesar das condições avéssas em que, como se comprehende, teve de executá-la, trabalhando sobre um retrato, não deixou de afirmar, como sempre, as suas altas qualidades artisticas, e por isso não quizemos naturalmente deixar de reproduzi-la.

Os mesmos empregados da casa Anjos que incumbiram ao illustre artista a execução do busto, querendo dar-lhe uma prova de agradecimento, encarregaram o distincto medalhista sr. Simões d'Almeida Sobrinho de modelar e gravar uma medalha para ser offerecida a Teixeira Lopes. Reproduzimos, igualmente, as photographias representando as duas faces d'essa medalha, n'uma das quaes se vê o busto do insigne escultor e na outra a copia do seu monumento a Oliveira Martins, e que é, sem duvida, um trabalho de admiravel perfeição. D iremos ainda, como pormenor de informação, que a offerta da medalha, sobre a qual se mantivera o mais completo segredo, foi para Teixeira Lopes uma verdadeira surpresa que não pôde deixar de ter sido agradavel para o illustre escultor, uma das mais nobres glorias da nossa arte.



Busto do sr. Polycarpo Anjos, por Teixeira Lopes. (CLICHÉ BIEL)—A medalha offerecida a Teixeira Lopes, obra de Simões d'Almeida Sobrinho. (CLICHÉS DA PHOT. VASQUES)

as suas preciosas qualidades de colorista e o seu comprovado saber no agrupamento das figuras se manifestam de um modo brilhante.

Em um dos dois novos quadros Malhóa trata, com grande felicidade de composição e extremo vigor de execução, um bello assumpto historico: o descobrimento do Brazil por Pedro Alvares Cabral. O grande navegador, encostado á amurada da sua caravella, acaba de descobrir no horizonte a terra de Santa Cruz. O vulto forte e severo do capitão, a sua attitude e a sua expressão são admiraveis. O seu olhar tem um extraordinario fulgor. Ao fundo vêem-se marinheiros, que suspenderam a faina da manobra das vel'as, revelando nos gestos e nas modos a anciosa curiosidade que experimentam, o entusiasmo que os invade, a alegria da proximidade da terra. Um aponta com a mão aos demais o ponto longinquo do mar onde deve emergir o primeiro tope do continente sul-americano.

Este quadro é destinado ao Gabinete Portuguez de Leitura do Rio de Janeiro, que d'elle fez a incumbencia ao illustre pintor, e deve se-



Uma camponesa de Figueiró — Pedro Alvares Cabral descobrindo o Brazil—Estudos para o quadro «Les forogues»

Nesta e na pagina seguinte reproduzimos as photographias de dois novos quadros do distincto pintor Malhóa e de alguns estudos existentes no seu atelier.

Depois do recente regresso do Brazil, o insigne artista foi para o seu habitual retiro de Figueiró dos Vinhos, onde tantas vezes se isola, quer para descansar, quer para trabalhar principalmente, e foi de lá que nos trouxe agora estas duas novas telas, em que o seu talento de concepção,



guir breve para o seu destino.

O segundo é um quadro de costumes, típico, flagrante de verdade, em que mais uma vez Malhó reproduz uma scena de embriaguez, de um perfeito rigor de observação. E' em uma feira aldeã, a um canto de barraca, enfeitada com balões venezianos. Um velho camponez, que mal se sustenta já nas pernas, empunha ainda um copo meiode vinho na mão tremula, enquanto a outra esboça um movimento automatico, característico de ebrio. Junto a mulher, desconsolada e chorosa, arrepella-se, incapaz de vencer a teimosia do bebedo. A filha insiste com o pae para que não beba mais. E' uma scena vulgar, das nossas feiras, um episodio bastante usual da nossa vida aldeã, que Malhó nos apresenta com uma incomparavel fidelidade. O pintor de *Les Ivrognes*, o auctor

d'essa magnífica obra prima, consagrada no ultimo Salon de Paris, e que os leitores da *Illustração Portuguesa* já conhecem, acaba de produzir n'este seu novo quadro outro primoroso trabalho artistico, que, não só pela realidade das personagens e pe-



«Basta, meu pae!»



Estudos para diversos quadros

la variedade da scena, como pela belleza e perfeição do colorido, pela assombrosa intensidade de luz que illumina a composição, pôde com razão disputar primazias ao anterior, e bastava para afirmar Malhó como um grande pintor.

(CLICHÉS DE BENOLIEL)

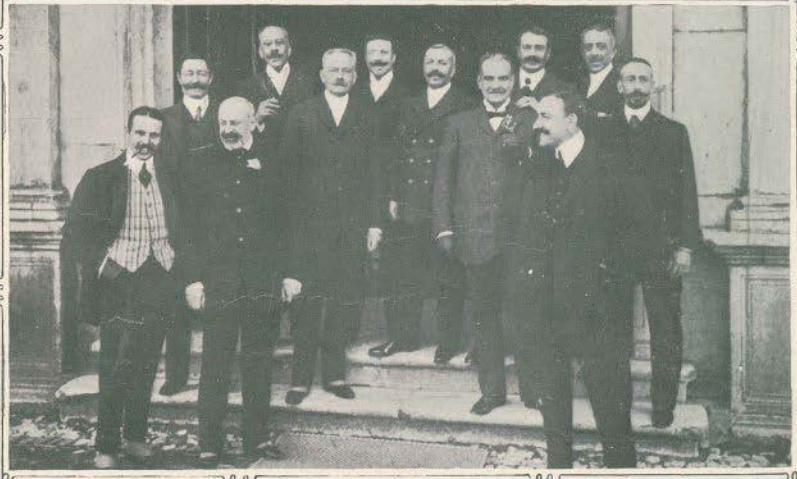


O DUQUE DOS ABRUZZOS EM VILLA VIÇOSA



O sr. duque dos Abruzzos saindo com os soberanos do palacio de Villa Viçosa para o passeio á Tapada

O sr. duque dos Abruzzos, na sua recente visita a Lisboa, foi recebido pelos soberanos portugueses na sua propriedade de Villa Viçosa, onde suas magestades se encontravam, com seus augustos filhos e a cõrte, e demorou-se ali um dia, dando um largo passeio pela Tapada.



Officiaes de serviço e alguns dos convidados d'El-Rei em Villa Viçosa: os srs. (da esquerda para a direita, no primeiro plano) Francisco Figueira, condes de Figueiró e S. Lourenço; (no segundo plano) João Caldeira, D. Fernando de Serpa, conde de Regurongos (D. Jorge) Fernando Eduardo de Serpa, marquez de Castello Melhor, condes das Galveias e de Taronca, marquez de Gouveia, dr. Manuel de Castro Guimarães



O passeio à Tapada: O sr. duque dos Abruzzos no carro de caça de El-Rei, com os soberanos Príncipe Real, infante D. Manuel, marquez do Soveral, conselheiro Wenceslau de Lima
(CLICHÉS DE BENOLIEL)



COMO NÓS VENCEMOS NO CUA MATO



(CONTINUADO DO N.º 100)

II

Da Chella ao Cunêne

QUEM d'ahi olha para a imponente muralha que a serra ahi fórma não crê possível que haja uma passagem que permita a ascensão. Effectivamente a segunda etapa

faz-se por um caminho vertiginosamente inclinado, rasgado a custo de muito trabalho na aspera encosta e que mais

ahi os viajantes de ha muito inscrevem o seu nome como memoria da sua peregrinação.

Quando se chega ao alto e se respira o fresco ar do planalto parece facilimo o caminho até ao Tchiminguero, a linda missão situado sobre um rochedo e dominando uma extensa baixa verde dos seus trigaeas, cultivados pelos pretos catholicos. D'ali as forças marcharam até á Chibia atravessando as ferteis campinas do planalto e ahi estacionaram algum tempo. A companhia de marinha saiu de Mossamedes em 15 de julho e chegou á Chibia na manhã de 22. A de in-



João Luiz Carrilho, tenente de artilharia

parece talhado por uma torrente impetuosa do que pela mão do homem. A mesma fertilidade a acompanha-nos até ao alto e aqui e ali de entre as pedras brota uma limpida agua, deliciosa de frescura, que vae engrossando o regato que flanqueia o caminho. No alto uma estreita passagem talhada no flanco d'uma enorme rocha é chamada o Real de Cayonda e

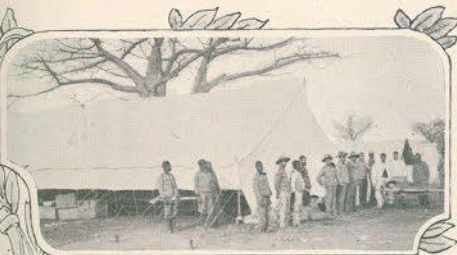


Francelino Pimentel, tenente d'infanteria 7

fantaria 12 partiu em 22 de junho de Mossamedes e chegou ali em 28. A cavallaria foi para o Lubango. Durante o tempo em que aquellas duas companhias estacionaram na Chibia não perderam o tempo, pois que com bem orientados exercicios completaram a instrucção das suas praças. Entretanto, não cessavam de passar carros con-



Mossamedes: A instrucção do 2.º esquadro de dragões marchando em linha — Fernando Paez Telles de Utra Machado, aspirante de infanteria—José da Costa, alferes de caçadores 5—Instrucção do 2.º esquadro de dragões. Cavallos tomando banho

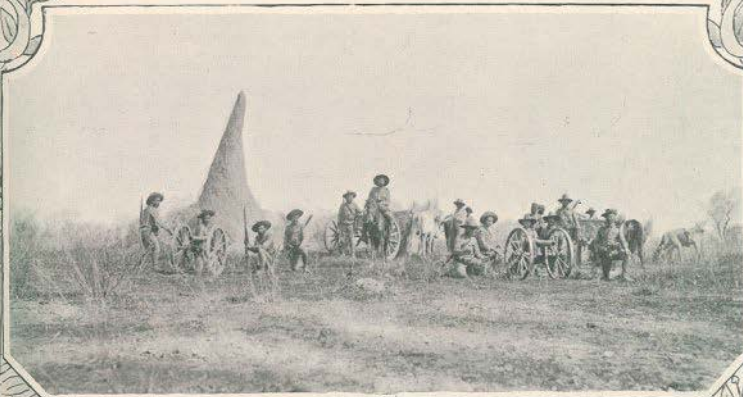


Ambulancia da columna expedicionaria

para Humbe segue mais ou menos a direcção do Caculovar em que toca varias vezes; em alguns sitios, porém, como no Biriambundo, Cachana e Cavaláua afasta-se do rio, e as *cacimbas* (1) de que se costumam abastecer os viajantes escassamente chegavam para as tropas, embora tivessem sido mandadas profundar e limpar e foi por isso necessario mandar collocar barris com agua em alguns d'aquelles pontos.

Depois da Chibia fez-se alto na Quihita, uma missão do Espirito Santo situada n'uma elevação rochosa muito pittoresca.

O ponto mais importante que em seguida se encontra é os Gambos, perto de que está um



Secção d'artilheria B. E. M. 7 c/m, systema Krupp

duzindo material e mantimentos para a campanha.

Passaram tambem n'essa occasião a 1.ª companhia europeia commandada pelo capitão Patacho, que já entrára na tomada do Mulondo, as duas baterias de artilheria, os dois esquadrões de dragões de Angola e a companhia de guerra.

A população estava maravilhada e dizia não haver memoria de tão grande mobilisação de tropas.

No dia 24 veiu á Chibia o commandante da columna, sendo aguardado pelas duas companhias expedicionarias formadas junto da residencia do chefe do conceelho. As companhias executaram algumas manobras que lhe valeram elogios do governador da Huilla.

A estrada da Chibia

monte muito caracteristico chamado

(1) Chamam-se *cacimbas* umas covas abertas no terreno em que, a uma certa profundidade, apparece agua que, embora pouco limpa, satisfaz para a alimentação.



Distribuição do rancho ao grupo de marinha



Bivouac no Cunéne: A companhia de marinha na face da frente

Tonto-tongo, o qual se avista a uma grande distancia, e onde existe a fortaleza conhecida entre indigenas pelo nome de Chibemba. Ha ali duas lojas de commercio e algumas casas e barracões, assim como uma pequenina capella em construção. A região dos Gambos é rica em *massambala*, *massango* e milho, que formam a alimentação do indigena.

E' curioso que fóra da povoação ainda o preto em geral desconhece o dinheiro e só se consegue obter gallinhas, ovos, ou outros productos seus a troco de pannos, aguardente e especialmente sal. Os carregadores tambem aceitam mantas vermelhas, missangas e uns collares feitos de uma concha especial do Ambriz, denominados *quiranda de dongo*.

No dia 31 chegava ali a 10.ª companhia indigena de Moçambique, os valentes *lundus*, que, commandada pelo tenente Severino, um moço official mas com a prudencia e saber de um antigo capitão, entrou marchando com um garbo militar e porte correcto que por certo equalava, se não excedia, o dos europeus.

Ainda faltavam mais de



A companhia d'infanteria 12 na face direita

contra a mais rudimentar das commodidades. Dos Gambos por deante adoptaram-se durante as marchas as providencias usuaves de segurança marchando em paiz inimigo, por se dizer ser possivel uma surpresa n'aquella região, já mais proxima do Cunéne. Nos acampamentos, especialmente de noite, a vigilancia era rigorosa, o que já foi habituando o pessoal ao serviço propriamente de campanha. A estrada desde a Chibia nada tem de interessante; toda por entre mattas de *mulhiati* ou espinheiro cortadas por *arimos* de *massambala* ou pequenos prados de capim e apparecendo de quando em quando os enormes e deselegantes *imbondeiros* com o seu monumental tronco assemelhando-se ao corpo de polvo de onde partem innumerous tentaculos. No Humbe a pequena fortaleza ficou guarnecida pela 18.ª companhia indigena com o seu effectivo reduzido ao minimo. Ahi se estabeleceu um grande deposito de viveres.

Do Humbe ao Cunéne são apenas alguns kilometros atravez uma região pantanosa e cortada de *m'lolas*, especie de lagôas, terminando por uma praia de areia que fóra a margem direita do rio. Chegadas ahi, as forças



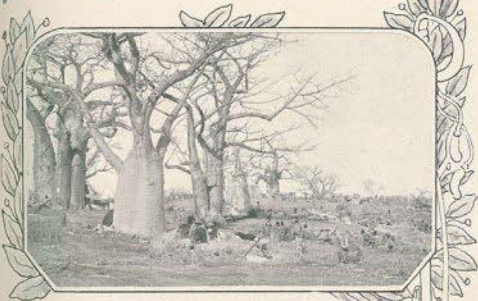
A bateria Ehrardt no angulo OE

atravessaram o Cunéne sobre uma ponte improvisada e chegaram ao ponto de concentração: o morro fronteiro e ao sul do forte Roçadas.

Estava terminado o que podemos bem chamar a primeira parte da campanha, pois que esta difficil marcha de mais de cem leguas atravez do continente negro era um dos grandes obstaculos que se apresentava pavoroso a todos os que pensavam em occupar os territorios d'além Cunéne.

O Cunéne

O rio Cunéne, que nasce perto do limite do districto de Benguella, corre desde a altura do Capelongo, proxivamente a sul, inflectindo para SW. depois do Quiteve, povoação onde ha alguns europeus e mestiços. Segue depois proxivamente essa direcção até que passada a Dongoena, onde existe um posto militar, desvia-se para N. seguindo proxivamente a direcção W. até se perder na grande faixa arenosa que separa a costa do interior. E' n'este



*Acampamento do forte Roçadas
—Um aspecto do Morro fronteiro ao forte
Roçadas*

ultimo percurso que o rio vence o desnivel de mais de cem metros da serra da Chella, dividindo-se em tres braços e formando as importantes cataractas de Nanguári. Depois d'este ponto ainda tem muitos rapidos e cataractas que o tornam innavegavel.

No percurso do Quiteve á Dongoena a margem direita é baixa, pantanosa e cheia de lagôas que se estendem parallelamente ao curso do rio, ás

vezes com enorme comprimento. São notaveis as lagôas Cáto e Tecua. Em geral estas lagôas tem approximadamente a mesma largura que o Cunéne, chegando o viajante a confundil-as com elle. Na epoca das cheias ligam-se com o rio a ponto de se inundar todo o terreno até grande distancia, attingindo o nivel d'agua n'alguns pontos 7 a 8 metros d'altura. As communicações tem que ser feitas em barcos, chegando-se a poder ir



*Tenente Martins de Lima—Chegada do governador geral
ao Cunéne: Junto d'elle está o commandante
da columna*

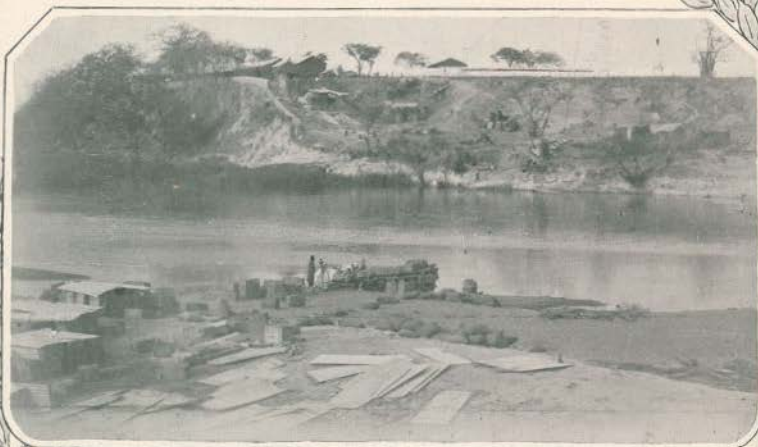
assim ao Humbe, e a agua invade as povoações das proximidades do rio, embora ellas estejam construidas nos pontos mais elevados, obrigando por vezes os seus habitantes a abandonal-as.

A margem esquerda no mesmo percurso banna os territorios do Cuanhama e os dois Cuamatos.

O curso do rio é acompanhado de grande numero de *m'lolas*, especie de braços que saem do



Chegada das tropas ao Cunene



Forte Roçadas e rio Cunene



Officinas de serralheiro no forte Roçadas

rio para n'elle se tornarem a lançar ás vezes a distancias enormes. Um facto curioso nos *m'lolas* é que a agua nem sempre corre na mesma direcção. Explica-se isto pela pequena inclinação que tem n'esta região o leito do rio, que faz com que, quando passa a cheia, haja em pontos mais a juzante um nivel muito superior aos leitos das *m'lolas*, do que resulta refluir a agua em sentido inverso ao curso habitual, voltando novamente para traz logo que a cheia passou. Chegza mesmo a succeder na mesma *m'lola* a agua correr para os dois lados a par-

tir de um ponto médio que este'a um quasi nada mais elevado.

O Cunéne fóra da época das chuvas é vadiavel em muitos pontos, especialmente nos annos de secca, sendo notaveis n'esta região o vau do Cacúma, o vau do João e o de Cáuca. E' navegavel para embarcações de pequeno calado desde perto do Mulondo até á Dongoena. Actualmente existe ali a lancha-canhoneira *Cunéne* para a policia do

rio. Esta lancha, que foi encommendada por requisição do coronel Sousa Machado na casa Jarrow, tem ali prestado bom serviço, estando o seu commandante, o valente segundo tenente Jayme da Silva Nunes, actualmente encarregado do reconhecimento hydrographico do rio. Foi enorme a impressão produzida nos primeiros tempos sobre os povos das margens pela lancha, aquelle bicho desconhecido para elles. Conta o commandante que muitas vezes vira cuamatós na margem fitando curiosamente o seu barco, mas sem nunca se atreverem a hostilisa-lo. Uma vez que elle queria desembarcar em terra a fim de cortar madeira para combustivel lembrou-se de os afugentar apitando. A receita foi efficaz: ao primeiro silvo fugiram aterrados deixando a guarnição socegradamente abastecer-se de lenha. D'ahi em diante empregou varias vezes o processo. Uma apitadella e o terreno estava desembaraçado com o terror de aquelle cavallo marinho de novo genero.

O tenente Silva Nunes foi durante as operações encarregado do commando de uma bateria de metralhadoras Nordenfeldt, tendo como subalterno o tenente de infantaria Silva Paes. Silva Nunes tratava os seus homens, *os seus pequenos*, como elle lhes chamava, com um cuidado que o fez ser adorado por elles. Commandou a sua bateria montado no seu *sofo*, um enorme macho alazão, com uma serenidade levada ao stoicismo, que fez crêr a muitos que elle procurava a morte com a sua heroica attitude, como lenitivo ás terribes perdas da sua extremosa esposa



Cunéne: A companhia de marinha no angulo S.

e querida filhinha que ainda ha pouco soffreu. Lá ficou, esse bom e saudoso amigo, a hastear todas as manhãs no seu fragil batel a nossa gloriosa bandeira — a dizer ao gentio que o Cunéne é portuguez.

Os amigos do Cuamato

A'quem do Cunéne não havia já nada a reccar, o que não succedia antes da campanha de 1905, pois que especialmente os mulondas orgulhosos e aguerridos se conservavam independentes seguindo a politica dos cuanhamas, jactando-se o seu soba o soberbo Itangá de não consentir a entrada da auctoridade portugueza.

O capitão Roçadas, que assumira o governo da Huilla em 12 d'agosto d'esse mesmo anno, organisou uma columna com os recursos locais, destruindo por completo o prestigio do Mulondo com a brilhantissima tomada da embala em 25 d'outubro de 1905, em que pereceu o poderoso Hangálo, uma das paginas d'ouro da nossa historia colonial.

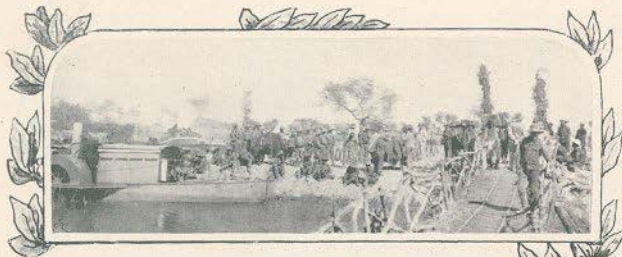
Além do rio, porém, as circumstancias não eram as mesmas.

Ao sul do Cunéne e até ao Cubango existe uma extensa região que é denominada o Ovampo e cuja parte leste é quasi deserta.

O Ovampo estende-se até além do



Bivague da columna: Face da retaguarda



Cunene: Na ponte; preparativos de recepção

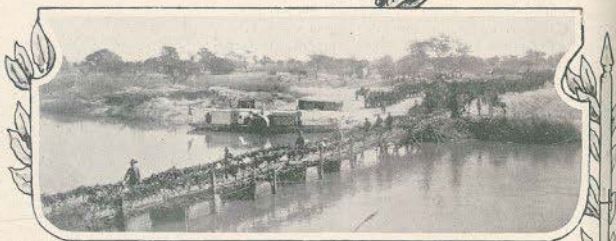
limite sul da provincia d'Angola e os povos que habitam no territorio allemão pertencem á mesma raça. As informações sobre este grande paiz eram muito escassas e mesmo as mais modernas cartas d'Africa ou não trazem indicações ou as que apresentam são de pouca exactidão. O major Eduardo Costa que estudou este assumpto encontrou informações, embora deficientes, na geographia de Reclus, fundadas sobre os trabalhos de Anderson, Galton, Palgrave e Duparquet. Dos portuguezes forneceram-nas os relatorios de Padre, de Luna de Carvalho e o livro do medico naval Pereira do Nascimento, todos ácerca da campanha de 1891, e alguns outros. Todas ellas, porém, eram muito incompletas e mais fundadas no *ou dit* que em observações *de visu*.

As informações colhidas em 1905 e 1906 pelo nosso chefe de estado maior o capitão Eduardo Marques foram por certo as unicas de verdadeiro

mente o *mutiati*, que n'alguns pontos chega a ter dimensões razoaveis.

(*Continúa*).

ALVARO PENALVA.



Passagem do governador geral na ponte: A' esquerda vê-se a lanchar «Cunenes»



O governador geral passando revista ás tropas

O DUQUE DOS ABRUZZOS EM LISBOA

O duque dos Abruzzos, que ha dias veiu a Lisboa, commandando o cruzador *Regina Elena* da esquadra italiana, é um dos mais distinctos e atrojados exploradores geographicos dos tem-



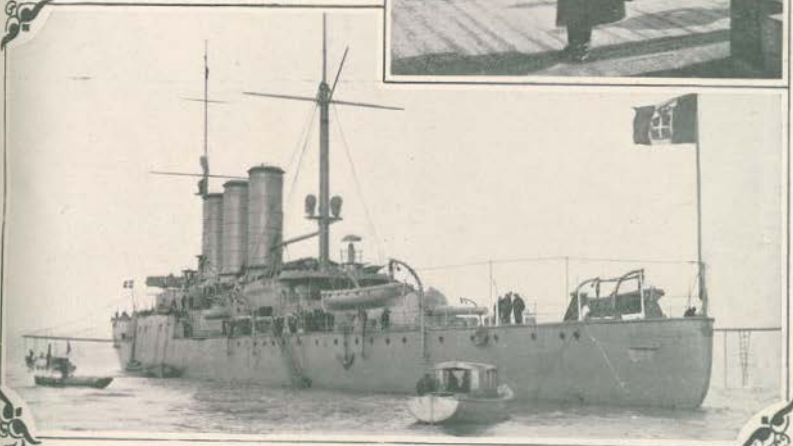
a feita ao polo norte, realisada quando tinha 26 annos. Foi effectivamente em junho de 1899 que a *Stella Polare* partiu para os mares arcticos. Não podemos reproduzir aqui a historia d'essa arriscada e gloriosa campanha, que tão efficaçamente concorreu para o progresso do conhecimento das terras polares. O paralelo precedentemente attingido por Nansen foi ultrapassado pela expedição do duque dos Abruzzos, indo o capitão Cagni até ao 8. "33", o ponto mais proximo do polo que se tem alcançado. Para diante parece terem acabado as terras; võem-se apenas gelos derivando para oeste. E' bem conhecido um episodio d'esta viagem. N'uma excursão realisada em vespuras do



pos modernos. S. A. R. o principe Luiz Amadeu de Saboia, actualmente capitão de fragata, é filho do principe Amadeu, duque de Aosta, que foi rei de Hespanha, e nasceu em Madrid a 29 de janeiro de 1873.

A paixão da sciencia e das viagens empolgou muito cedo o espirito do moço principe, sendo a mais notavel e audaciosa das suas expedições

o cruzador italiano *Regina Elena* entrando no Tejo—No Arsenal: O sr. infante D. Affonso, marquez Paolucci di Calboli, ministro de Italia e marquez Ferranti, secretario da legação, indo ao encontro do duque—O duque dos Abruzzos na ponte dos vapores do Sul e Suezte



O cruzador italiano *Regina Elena* entrando no Tejo—No Arsenal: O sr. infante D. Affonso, marquez Paolucci di Calboli, ministro de Italia e marquez Ferranti, secretario da legação, indo ao encontro do duque—O duque dos Abruzzos na ponte dos vapores do Sul e Suezte

—O cruzador italiano *Regina Elena* fundeado no Tejo

Natal, durante a invernã na bahia de Teplitz, o príncipe caiu n'uma crevassa e teve de sofrer a amputação de duas phalanges dos dedos da mão esquerda congelados.

Este sacrificio feito á sciencia, a impressão dos perigos experimentados, a triste recordação de tres companheiros perdidos nos gelos, não entibiaram, porém, o animo forte e decidido do príncipe, nem lhe amorteceram a sua grande e absorvente paixão. Em 1906 o duque dos Abruzzos, com diversos colaboradores scientificos, organisou uma expedição á Africa equatorial com o fim de proceder á ascensão e ao reconhecimento da cordilheira nevada do Ruwenzori— as suppostas Montanhas da Lua da velha geographia ptolomeana. Seguindo o itinerario de Mombaça até



O duque dos Abruzzos com os sys. infante D. Affonso e ministro de Italia no Arsenal de Marinha
O duque dos Abruzzos e o sr. infante D. Affonso no automovel á porta do ministerio dos negocios estrangeiros
O duque dos Abruzzos acompanhado do seu ajudante, ministro de Italia e tenente da armada Fernando Pinto Basto a caminho da majoria general da armada

á Uganda ficaram-lhe doentes pelo caminho dois companheiros, um d'elles o capitão Cagni, seu primeiro auxiliar na viagem aos mares do norte. Apesar d'isso proseguiu tenaz, cheio de coragem e de fé, e o massiço montanhoso do Ruwenzori foi escalado e methodicamente estudado, contra todas as difficuldades, forçado a revelar os seus segredos e mysterios.

Taes são os dois principaes feitos, cumpridos aos 35 annos, por esse sympathico rapaz de physionomia e de gesto energicos que ha dias vimos em Lisboa.

Os mesmos senhores em direcção á Superintendencia do Arsenal

(CLICHÉS DE BENOLIEL)

As tascas de COIMBRA

às Torres e Tentugal...

Mas Coimbra raras vezes sae das suas estreitas ruas medievaes na sua bohemia famosa.

Entre Santa Clara, os Arcos e as Ameias ella se encerra em tudo que tem de tradicional e inconfundivel.

Depois das dez, para surprehendel-a, é descer á Baixa e entrar nas *tascas*.

As *tascas* de Coimbra são caracteristicas, mesmo no decorativo, tendo todas, porém, um supremo traço commum — o da intellectualidade!

Não se espantem, meus senhores.

A *tasca* coimbrã, quando eleita por um grupo academico, aviventada por uma *troupe*, afamada por algum cabecilha da bohemia — é um dos mais poderosos centros intellectuaes.

Tudo se lá discute, desde o amor á revolução, politica, litteratura e arte!

Não ha thema que se não debata.

Com uma caneca de verdasco, ou um simples copo de aguardente — revolvem-se os tempos; ali desfilam philosophias, religiões, ali são inquiridas civilisações, interrogadas as grandes figuras historicas, julgadas, condemnadas, absolvidas e glorificadas.

Hugo e Baudelaire, Guerra Junqueiro e João de Deus, Balzac e Zola, Flaubert e Eça — ali comparecem cada dia, tremendo da sentença implacavel que ao dar da meia noite, batendo com o punho cerrado sobre

Santa Clara

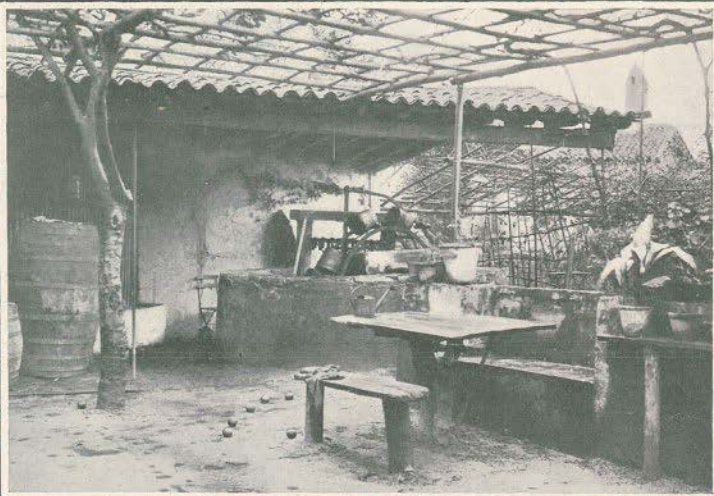




Assim a tasca de Coimbra, diferente de todas as outras, tem sido, forçoso é dizel-o, para muitos bem mais proveitosa do que a propria Universidade e os seus lentos.

Tudo ali vem bater, projectos das mil e uma noites, heroes, escriptores, o ultimo livro, mulheres, viagens, tudo, pela noite velha, ali desce em discussões acaloradas, sobre as toscas mezas de pinho. Quantas vezes só a madrugada, radiante e clara, consegue vir pôr termo a uma discussão reñhida em que se derrubou por terra, irreverentemente, algum idolo, ou um preconceito secular. Que de coisas veneraveis ali mortas!

Coimbra, a mais linda e amavel terra de Portugal, tem sido atravez dos annos o mais bello e suggestivo repositorio de sce-



O João de Brito de Santa Clara

as taboas de pinho da meza rude, lhes será deferida por pontifice litterario da rua do Norte, Palacios Confusos ou da rua do Borrvalho, que logo a roda applaude sonorosamente.

A Universidade é considerada por todo o estudante *briso* como uma tasca tambem, a tasca das tascas, a tasca maxima e olympica!

Mas com bem menos amaveis taverneiros!...

E quantas vezes, por isso, lá cae vencido n'um *estendete* raso, humilhado e corrido, aquelle que era o altivo triumphador da vespera n'uma das outras acolhedoras e amigas tascas da Baixa!





nas alegres d'uma vida estouvada de bohemia vivida no amor á mistura com a sua nota litteraria e sentimental.

Das tascas celebres pela tradição, chegou até aos nossos dias a das Tias Camellas.

Assim nos contam, com as lagrimas nos olhos, os rapazes d'esse tempo envelhecidos pela vida, atravez da saudade do coração, sempre quente e viva, a poesia estranha da Tascas das Camellas.

João Penha era n'ella o pontífice maximo.

Ali se juntavam de preferencia os rapazes litteratos e bohemios de então, porque, diga-se ce passagem, a litteratura e a bohemia, desde longo tempo, se acostumaram a andar de mãos dadas. Sempre que hoje algum velho d'essa epoca nos fala atravez da sua saudade, sempre nova, das Tias Camellas, duas adoraveis velhinhas que davam de cear por meio e cinco aos estudan-

tes, veem logo á baila, além do Penha, os nomes de Junqueiro, Gonçalves Crespo e tantos outros. E' que a tascas das Camellas foi por assim dizer o cenaculo litterario da academia de ha trinta annos.

Ha quinze annos, quando abordámos Coimbra, das Tias Camellas já nada restava a não ser a casa, além, na rua Larga, transformada n'uma tabacaria monotona e triste.

A morte, a pouco intervallo, arrebatára da vida, como dois resequidos pergaminhos, as Tias Camellas, levando-as, com as saudades d'uma geração e algumas dividas em atrazo, para o céu, para essa eterna viagem d'onde se não volta mais. E assim a nossa geração decadente e sombria ficou, apenas, conhecendo a tascas das Camellas pelos versos sarcasticos e pungentes do poeta do *Só*:



«Nossa Senhora a dar de cear aos estudantes Por 6 e 5. Mas ha! foi-se a Virgem d'antes Tia Camella... só ficou a camelice.

Entre todas as tascas celebres do nosso tempo, só duas conseguiram conservar, refractarias á civilização, toda a estranha poesia do passado: o *João de Brito de Santa Clara* e a *Joaquina Cardoso do Paço do Conde*.

O João de Brito era um maravilhoso retiro de que tudo ainda hoje existe, a não ser o pobre do João de Brito, que já lá vae.

Ficava junto ao velho mosteiro de Santa Clara. Era um verdadeiro scenario de ballada!

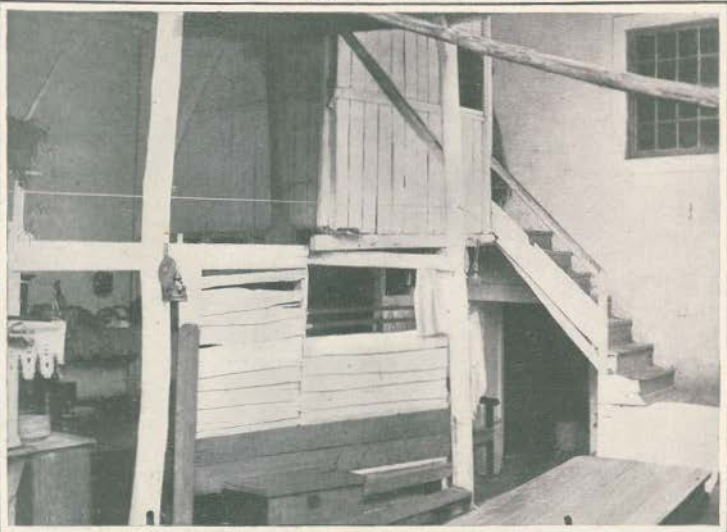
Uma latada, quatro mezas de pinho, uma nora gemente, ao fundo o rio sereno e doce e lá no alto erguendo-se aerea e dominadora a cidade, revendo-se no Mondego n'uma miragem d'encanto, campeando





Phantasticos anoiteceres em que as neblinas do rio envolviam brandamente, como um véu diaphano, um divino manto inconsutil, n'um mysterio de sonho e de quebranto, toda essa doce paizagem de novella.

A Joaquina Cardoso, do Paço do Conde, n'uma d'essas viellas medievaes da cidade baixa, foi tambem um dos mais procurados logares da Coimbra bohemia e noctivaga. A Piedade, a creada da tia Joaquina, uma morena d'olhos tristes, punha n'aquelle ingenuo scenario uma nota cheia de pureza e gravidade. Não houve poeta que por lá fôsse que a não cantasse e ali está, entre tantas outras, a attestalo, essa deliciosa quadra do Afonso Lopes Vieira:



A tasca da Joaquina Cardoso

lá no cimo altiva e magestosa a Universidade e a sua torre, graciosa e soberana.

Foi ali, n'aquelle doce e poetico logar, que durante annos se juntaram algumas *troupes* de rapazes, alguns já hoje tornados pessoas pesadas e sérias pelos encargos da vida.

Os poetas Eugenio de Castro, Manuel da Silva Gayo, Afonso Lopes Vieira, Guedes Teixeira, D. Thomaz de Noronha e tantos outros foram durante annos os seus mais assíduos frequentadores. Se aquelles sitios falassem, quanta alegria franca haviam de saber cortar á geração de hoje, reservada, cathedra-tica e conselheiral. Não ha ninguem que por lá não tenha passado que possa fazer uma pallida idéa da poesia estranha das tardes do João de Brito.



«Maria da Piedade
Que nome te foram pôr,
Tu que não tens piedade
De mim que te tenho amor.»

A Piedade, a doce morena d'olhos tristes e magoados, ouvia indiferente todos os galanteios, afável e carinhosa, entre condescendente e compassiva, mas se alguém soltava algum dito mais forte logo discretamente ella desaparecia, silenciosamente.

A tia Joaquina! A boa e prazenteira tia Joaquina lá está hoje retirada do negocio, descansando d'uma vida de trabalho n'uma risonha aldeia dos arredores de Coimbra.

A tia Joaquina, tão amovível para todos, ainda para os peores dos seus filhos da academia, bem merecia a notabilidade quasi glorificadora dos admiradores da sua culinaria e da sua resignada paciencia...

.....
As ceias do Magrinho! O Magrinho do Lobo, da Sophia, do Choupal, do Terreiro do Mendonça.

Filho d'aquelle Magrinho que já o Nobre cantára no *Sô*:

«Mais tarde, em Coimbra, n'alguma ceia
Com mais rapazes no Magrinho.»

Ceava-se a toda a hora! O Magrinho nunca conheceu dificuldades. A sua casa nenhuma a suplantava em alegria, cantava-se, dançava-se, e d'ali partiram para a bocca do cego Monteiro as nossas quadras d'amor e as cantigas contra os lentes.

Foi lá, por uma suave noite, que o dr. Faiva e Pitta ficou, na bocca das tricanas, consagrado na trova popular.

.....
O Ruivo da Sophia foi muito tempo o ponto de reunião, o poiso obrigatorio d'uma das ultimas *troupes* de rapazes que souberam atravessar, n'um rumor de riso aberto, estouvava-

do, franco, essa deliciosa quadra de Coimbra.

Presidia a ella Afonso Lopes Vieira, o mais prestigioso moço da sua geração, o mais amigo e o melhor dos companheiros. Foi lá no Ruivo da Sophia que se realizou a sua ceia de despedida, que pelo pittoresco dos convivas produziu escandalo. Além dos seus companheiros de todos os dias, que eram o Emerico d'Alpoim, Thomaz de Noronha, quem escreve estas linhas e o José Duflner, um dos mais espirituosos rapazes do seu tempo, o poeta juntára, como que n'um desafio estranho, n'um torneio macabro, na mesma meza, todos os typos caracteristicos das ruas. Terra alguma os tem mais interessantes e impressivos.

Eram elles o França *Rolie*, cocheiro aposentado, hoje já morto, que conhecera cincoenta gerações academicas e que o centenario da Sebenta acabou de consagrar, como lente da *Faculdade das tretas*.

O *Quatorze*, alto, solido como uma torre, facinora, vendedor ambulante de bananas, que tinha a pretenção de tratar por tu as primeiras personalidades do seu paiz.

Era o *Baronabé*, garoto discaudor, que alguém comparára ao dr. Callixto, com um pouco menos de instrucção, menos *pose* e menos corpo.

O *Beb'Agua* e por ultimo o cego Monteiro, o costumado companheiro dos poetas.

O França, que como decano presidia à ceia, começou logo, como uma grande amabilidade, por declarar que por attenção ao poeta não almoçára, nem lançára, nem jantára ainda n'esse dia!!!

Não ha palavras que possam descrever o imprevisto e a graça d'essa noite.

Os discursos não tinham fim. Os apartes cruzavam-se uns sobre os outros.

O *Quatorze*, a certa altura, elle que passava a maior parte do tempo na cadeia, levantou-se e voltando-se para o poeta e para





os seus amigos começou assim o seu discurso: «Aqui que n'este solemne momento nos achamos livres do judicial, e por aqui fóra, declamadoramente, em voz sonora, sereno e magestoso, continuou o seu discurso ponderoso e argumentador como o d'um alumno laureado da Faculdade de direito.

E tantas outras, tantas! O *Feyo da Alta*, que um grupo de rapazes ilheus decidiu lançar, para sua ajuda, foi tão bem lançado que, passados mezes, quebrava fraudulentamente!

O *Julião das Iscas!* Um de nós, em troca d'uma ceia fiada propuzera-lhe, n'uma certa noite, a immortalidade, e no dia seguinte logo, em cumprimento da sua palavra, acudia pressuroso a entregarlhe a seguinte quadra do poeta Afonso Lopes Vieira, que levaria o seu renome aos seculos:

O' lampreia divina, ó divino arroz,
Comidos, noite velha, em casa do Julião!...
Sem ter ceias assim o que ha de ser de nós?
Soffre, meu paladar! Chora, meu coração!»

Os *Campos Elyseos*, hoje transformados em deposito de vinhas, o *Alexandre da Sophia*, o *Frias*, o *Fim de Mundo*, outros e outros, sem falar n'esses poeticos logares de S. Fructuoso das Torres e de Tentugal, ficarão ainda mais ou menos celebres na vida de Coimbra estouvada e alegre...

Da minha vida de estudante, onde tanta coisa passou roçando o meu coração e despertando o meu espirito, as *tascas* não foram a deixar-me uma nota menos impressiva.



O candieiro das ceias do Magrinho

Muitas recordações me ficaram sempre a ellas presas. Em parte alguma a *tasca* representa o papel verdadeiramente civilizador que para a mocidade academica representa em Coimbra. Na *tasca* a embriaguez é, sobretudo, pode dizer-se, quasi sempre, só de espirito, e o jogo é o puro jogo de palavras, discussão e dialectica.

Por isso aquellas noites passadas, ou n'um apertado compartimento de rez-do-chão, de pinho não aparelhado, á luz do azeite, mortiza e vaga, ou no quintalejo proximo sob uma parreira á radiante luz das estrellas, sempre animadas de conversação agitada e vehemente, cortada de incidentes, vibrante e de 'amadora, creadora de iniciativas, inspiradora de idéas, todos unido n'um affectivo laço fraternal,—aquellas noites serão para mim inolvidaveis.

Ali vi o rebate primeiro d'alguns oradores já hoje notaveis, ali presenti escriptores, poetas já hoje illustres. As *tascas* eram por assim dizer o nosso *Instituto*.

As *tascas!* Forum, comicio, theatro, academia!

Passaram annos, e essa decantada bohemia de Coimbra d'onde tantos nomes vieram a immortalisar-se, desde João de Deus até hoje, parece dia a dia ir morrendo desde que os rapazes deram a envelhecer n'uma apagada e vil tristeza, procurando ver Coimbra apenas pelo lado da *Aula*, a *Bola*, o *Lente*,—que para nós foram apenas um futil motivo de troça e de riso no meio d'essa deliciosa vida, feita de sonho, gasta no culto amorosissimo e doce da mulher e da paizagem!

VICENTE ARNOSO.
(ALUMNO DE GONÇALVES)



O passado, presente e futuro revelado pela mais célebre chiromante e physionomista da Europa

Madame BROUILLARD



Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparável em vaticínios. Pelo estudo que fez das sciencias, chromancias, chronologia e physionomia e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles Lambröze, d'Arpenigney, Madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta cathedra, a quem predisse a queda do imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol.

Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete:

43, RUA DO CARMO, sobre-loja — LISBOA

Consultas a 1.000 rs., 2.500 rs. e 5.000 rs.

Discos Simplex de double face, os melhores pela sua nitidez e duração contendo o mais VARIADO e MODERNO REPERTORIO em musica e canto dos melhores auctores NACIONAES e EXTRANGEIROS. Marca registada, propriedade exclusiva de J. Castello Branco. ♣

Discos

Simplex

siva de J. Castello Branco. ♣

Preços exceptionaes e grandes descontos para a venda no Brazil e colonias portuguezas. Grande deposito de discos e machinas fallantes. PEDIR CATALOGOS a

J. Castello Branco

Rua de Santo Antão, 32, 34 e 82 — LISBOA

LOCAO DE QUEANT

CABELLO
BARBA
PESTANAS
SOBRANCELHAS

Unico producto scientifico apresentado na Academia de Medicina de Paris contra o microbio da Calvicie e todas as afecções do couro cabeludo.
L'DEQUEANT, Pharmaceutico, 39, Rue d'Anjou, Paris.
Em LISBOA, 19, Rua do Arco a Jesus, a quem deve-se dirigir para todas as informações gratuitas.
A. VENDA DE TODAS AS BOAS CASAS DO PORTUGAL.

A mais importante casa de AUTOMOVEIS em Portugal



ALBERT BEAUVALET & C.^A Representante de PEUGEOT A MAIS AFAMADA MARCA DE AUTOMOVEIS
PRAÇA DOS RESTAURADORES, LISBOA

Novo diamante americano

A mais perfeita imitação até hoje conhecida. A unica que sem luz artificial brilha como se fosse verdadeiro diamante. Anéis e alfinetes a 500 réis, broches a 800 réis, brincos a 1\$000 réis o par. Lindos collares de perolas a 1\$000 réis. Todas estas joias são em prata ou ouro de 18 ct. Não confundir a nossa casa. RUA DE SANTA JUSTA, 06 (junto ao elevador) — LISBOA.

L'Epil'vite

CREMA EPILATORIA prompta a ser empregada. Resultado garantido.

Agradavelmente perfumada, dissolve instantaneamente as pennugens desengraçadas, a barba, os pelos os mais duros do rosto e do corpo. — Não produz borbulhas, não irrita a pelle a mais delicada. e M. A. GRAZIANI, Phar. de 1^a classe, 63 Rue Rambuteau, Paris, (Agentes em Portugal) CURIEL & DEL'GANT, 19, R. do Arco a Jesus, Lisboa.



O
CONCURSO
DE
1908

DAOS COLLECIONADORES

UM CHALET
UM HIATE
DOIS AUTOMOVEIS
UMA EXCURSAO
A' ILHA DA MADEIRA
EXCURSOES A'
FRANÇA
A'
INGLATERRA
E A' ITALIA

PREMIOS EM DINHEIRO
RIQUISSIMAS JOIAS
MAGNIFICAS MOBILIAS
COMPLETAS PARA
QUARTO, SALA,
E CASA DE
JANTAR
VESTUARIO,
MACHINAS DE
TODOS OS
GENEROS

ESPECTACULOS
MARAVILHOSOS
TUDO EM FIM
QUANTO E'
NECESSARIO A' VIDA

COLLECIONAE
400 COUPONS

